

“AQUARELA” EM SEUS RIZOMAS

Hildeliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral (UENF)

hildeboechat@gmail.com

Ieda Tinoco Boechat (UENF)

iedatboechat@hotmail.com

Joane Marieli Pereira Caetano (UENF)

joaneiff@gmail.com

Rodrigo Gindre Vargas (UENF)

Analice de Oliveira Martins (UENF)

RESUMO

O presente artigo apresenta fragmentos da canção *Aquarela*, capazes de se articular em várias situações nas quais identificamos os rizomas como entradas e construímos articulações por meio das quais estabelecemos links com o aporte teórico explorado, passando pelos conceitos e manifestações de atualização do texto e intertextualidade, atendo-nos a dois princípios dos rizomas: conexão e multiplicidade. Empregamos metodologia qualitativa com pesquisa bibliográfica em autores como Roland Barthes, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Pierre Lévy, baseada em pesquisa exploratória, quanto ao objeto – análise da canção *Aquarela*, de Vinícius de Moraes e Toquinho. Concluímos que os rizomas se constituem múltiplas entradas, ricas e amplas janelas do texto com ele próprio e com outros textos, realçando a importância da subjetividade do leitor, que se torna coautor nas suas atualizações, criando e recriando o texto: reinventando-o.

Palavras-chave: Rizomas. Intertextualidade. Atualização. Conexão. Multiplicidade.

1. Introdução

Escolhemos a canção *Aquarela*, de autoria de Vinícius de Moraes e Toquinho, por vislumbrarmos nessa forma discursiva uma riqueza de recursos de que se valem os autores para se expressar e narrar os vários episódios de fazer-e-desfazer, colorir-e-descolorir, criar-e-recriar, que enfim, descolorirá. Nesse movimento de construir figuras que passam a ganhar existência e depois se desfazem, percebemos a natureza efêmera desses objetos, que nos são apresentados e, em seguida, caminham para a finitude, desfazendo-se.

Nessa perspectiva, o problema consiste em verificar como os rizomas se constituem entradas na canção *Aquarela*, janelas que levam a outros caminhos, a outras dimensões. A hipótese que se pretende confirmar é que rizomas são sempre entradas que tornam possível a associação

a outras partes do texto ou até mesmo a outros textos – intertextualidade – em sucessivos nós, que se conectam uns aos outros.

Os rizomas apresentam princípios, que são enunciados por Deleuze e Guattari, dos quais se objetivou analisar, não a todos neste breve artigo, mas dois que demonstram a simplicidade com que os rizomas se ligam e se religam a outras situações, formando novos nós, ligações outras, capazes de originar uma absurda diversidade de situações. Elege-mos, pois, dos importantes princípios dos rizomas identificados e abordados por Deleuze e Guattari, a Conexão e a Multiplicidade, associando-os aos fragmentos da canção em que eles se tornam facilmente perceptíveis.

Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamo-nos de metodologia qualitativa, pesquisa exploratória quanto ao objeto, qual seja, a canção “Aquarela”, de Vinícius de Moraes e Toquinho, combinando-a com pesquisa bibliográfica em autores tais como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Roland Barthes e Pierre Lévy.

2. Rizomas e a canção “Aquarela”

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, encontramos o seguinte conceito para “aquarela”: “processo de pintura sobre papel, em que são utilizadas tintas diluídas em água, e que se caracteriza pelo uso de cores transparentes sobre um fundo branco ou claro”; em seguida, “pintura resultante deste processo”; por fim, encontramos: “panorama, vista caracterizada pela leveza, frescor e delicadeza das tonalidades” (HOUISS, 2009, p. 168). A última acepção a aplicação que aponta para uma metáfora, o que pode ser inferido a partir dos desenhos – esta é a acepção que nos interessa de forma específica, pois os autores criam objetos a partir dessas pinturas, assopram-lhe vida, colocam-nos em movimento e, não raro, caminham para sua finitude: o desfazimento, sempre voltando ao “numa folha qualquer...” demonstrando que a folha é instrumental, e que pode ser substituída por qualquer outra. Indica ainda – quem sabe? – a casualidade, a eventualidade da “existência” desse ou daquele objeto, que logo se desfaz. Uma relação de existência fugaz, que ora se territorializa, ora passa por um processo de desterritorialização, de fuga, conforme exposição de Deleuze e Guattari (1995, p. 11).

O rizoma se comunica com o mundo, liga aquele texto territorializado e estratificado a outro desterritorializado e sem hierarquia a outras

realidades, que por sua vez, ligam-se novamente a outras, sendo possível ao leitor viajar por entre essas diferentes realidades e retornar – ou não – àquela originária, porque pode ser que se disperse e veja naquele novo horizonte um motivo para nele mergulhar: um mundo novo, diferente, mais fascinante do que o primeiro, que não convida ao retorno, mas a explorar o novo.

Deleuze e Guattari (1995, p. 12) comentam que “a literatura é um agenciamento”, ou seja, ela aponta novos rumos, novos caminhos, ela abre novas oportunidades a partir das quais o leitor passa a ter contato com um outro, um novo universo. Assim se constroem os rizomas. Conectando-se em novos nós, a um novo texto, a um novo discurso, a uma outra imagem ou mesmo uma outra cor...

Então, percebe-se que o autor já não possui mais controle sobre o texto que antes lhe era atribuído. Aliás, quem é o autor? Aquele que escreve o texto. Bem, que relação tem ele com o leitor? O autor é “dono” do texto? Ou das ideias nele expostas? Que relação tem o autor com o próprio texto? E que relação tem o leitor com o texto escrito por outrem?

Roland Barthes nos traz a seguinte análise a respeito da progressão por que tem passado o papel do autor em relação à “sua obra” ou, melhor dizendo, em relação ao texto que um dia ele produziu:

O tempo, primeiro, já não é o mesmo. O Autor, quando se crê nele, é sempre concebido como o passado de seu livro: o livro e o autor colocam-se por si mesmos numa mesma linha, distribuída como um antes e um depois: considera-se que o Autor nutre o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive por ele; está para a sua obra na mesma relação de antecedência que um pai para com o filho. Bem ao contrário, o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto; não é, de forma alguma, dotado de um ser que precedesse ou excedesse a sua escritura, não é em nada o sujeito de que o seu livro fosse o predicado; outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente aqui e agora. (BARTHES, 2004, p. 68)

O que Barthes está propondo é que, no momento presente, a participação do leitor é fundamental; trabalhamos mais com a ideia de enunciação, deixando as conclusões em aberto, para que nós leitores possamos atualizá-la aqui e agora: ressignificando a cada novo leitor e a cada releitura (pelo mesmo leitor).

A música representa uma viagem de ficção: a partir de um pingo de tinta que cai no papel azul, eles (autores) imaginam uma linda gaiivota a voar no céu... que não para aí.

O leitor também faz esse movimento, participa dessa viagem, e

nesse rizoma, pode ver outros pássaros, em outras dimensões, de outras cores, em outras formas, ainda que virtuais. Pois,

O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação resolverá na leitura (LÉVY, 1996, p. 40).

Então percebemos o leitor, interlocutor, destinatário, como coautor, em diversas atualizações. Observamos que Lévy articula o ato da leitura à participação ativa e efetiva do leitor, ao fazer contato íntimo com o texto, desvirginando-o, explorando-o, desmitificando-o, “desbravando-o”:

Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade, ou de uma platitudo inicial, esse ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos. (LÉVY, 1996, p. 36).

Exatamente essa apreensão por um novo sujeito, ressignificando o texto através desse contato e da subjetividade por meio da qual o leitor se faz coautor, é que ocorre a atualização. Trata-se de uma nova conexão, uma nova interpretação e ainda uma nova costura – diferente daquelas traçadas e imaginadas pelo “autor” (aquele que primeiro imaginou e escreveu). Como essa atualização se dá a cada nova linha do texto, a todo momento, sucessivamente, Pierre Lévy a ela se refere como uma “cascata de atualizações”: “Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações” (LÉVY, 1996, p. 35).

Além disso, a própria gaivota vai voando, contornando norte e sul, Havaí, Pequim ou Istambul, passando de uma América à outra quase que imediatamente, num constante movimento de desterritorializar e territorializar, deflagrando a existência de geografias semânticas identificadas por Lévy, que faz do leitor sujeito ativo desta viagem:

Carteiros do texto, viajamos de uma margem à outra do espaço do sentido valendo-nos de um sistema de endereçamento e de indicações que o autor, o editor e o tipógrafo balizaram. Mas podemos desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer emergir outras geografias semânticas (LÉVY, 1996, p. 36).

Aqui, nós, enquanto leitores, funcionamos como carteiros, nessa metáfora construída por Lévy. Entretanto, carteiros que viajamos, que seguimos em frente, sem, contudo, termos o dever de obedecer às prescrições para a entrega a nós, destinatários: podemos construir novos caminhos, atravessar ou não, escolher, sentir, interpretar, criar e recriar: inventar! Tirar nossas próprias conclusões e nos tornarmos sujeitos dessa

viagem.

Essa noção é corroborada por Deleuze e Guattari: “O rizoma nele mesmo tem forma muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (GUATTARI; DELEUZE, 1995, p. 15). Quem irá dar essa concreção, somos nós, leitores, sujeitos vivos, dinâmicos e intérpretes da leitura e não simplesmente destinatários estáticos.

O rizoma se apresenta na letra de “Aquarela” por meio de uma versatilidade ímpar, ora aproximando figuras semelhantes, ora provendo soluções para situações como “se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva”. Isso sempre devolvendo ao leitor as possibilidades, como o avião que surge entre as nuvens: colorido, sereno lindo, mas “se a gente quiser, ele vai pousar”. Aqui, “se a gente quiser”, indica uma possibilidade que pode ou não se concretizar... porque importa a vontade do leitor-coautor, ela é quem decide se vai pousa, se voltar ou se voará mais, além; isso enquanto sujeito definidor, modificador, construtor e reconstrutor de uma realidade fática ou virtual.

3. Princípio da conexão

Qualquer ponto do rizoma pode e deve ser conectado a outro (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15). A letra em análise apresenta várias espécies de ricas e variadas conexões: imagens (nuvem, desenhos de diferentes formas); cores (amarelo, azul, branco, rosa, grená); sensações (estímulos visuais como piscar); sentimentos (de bem com a vida); ações (navegando, rir, chorar, descolorirá).

Faz ainda conexão temporal (presente e futuro), especialmente quando diz que o menino caminha para o muro – em frente ao qual está o futuro. Refere-se ao futuro como uma astronave que “tentamos pilotar”, mas que não tem tempo, nem piedade, nem hora de chegar. Aqui, refere-se a um futuro (fatos da própria vida e do cotidiano) que tentamos – sem êxito – monitorar, pois nem sempre conseguimos controlar as situações externas que influenciam a nossa vida, fugindo-nos o controle e que nos são impostas de forma implacável, pois “nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá. O fim dela, ninguém sabe ao certo onde vai dar”. Pode ser que aqui os autores se refiram à morte, à existência após a morte, sempre fazendo alusão ao fato inexorável de que, um dia, a aquarela descolorirá.

Mas, existe uma parte desse futuro que é monitorável. Há também na leitura possibilidades a partir das quais podemos inventar, situações nas quais cada interlocutor vai dar sua interpretação, imprimindo à canção sua subjetividade, recriando o texto, reinventando, passando a ser coautor, escrevendo o desfecho, determinando o caminho que lhe aprouver. O importante é que aqui, cada leitor dará o seu próprio final, não estando sujeito a interferências na sua imaginação: motivado por sua própria autodeterminação e criatividade.

Sempre conectando a criação a partir de uma folha qualquer de papel, com a tinta, que se transforma em objetos que ganham vida própria e que podem sofrer alteração no rumo conforme a vontade do leitor, mas que caminham para o fim, para o fato de que irão descolorir, o que parece ser o fim de todas as coisas... uma aquarela que irá desbotar, perder a cor.

Essa aquarela remete a um interessante rizoma, traz à memória uma realidade externa, para além do texto – uma intertextualidade com a outra, a “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, que em 1939, ecoava: “Ah, abre a cortina do passado, tira a Mãe Preta do serrado [...] quero ver a Sa Dona caminhando, pelos salões arrastando o seu vestido rendado”, rememorando um passado de contrastes sociais, raciais, religiosos e culturais de dominação e subjugação.

A intertextualidade liga um texto a outro, traz à memória do leitor – agora coautor pela cascata de atualizações que realiza no texto – um novo texto, seja pelo sentido, seja pela temática comum ou por qualquer outro motivo de ordem pessoal, subjetiva.

Julia Kristeva, explica intertextualidade da seguinte forma: “O discurso (o texto) é um cruzamento de discursos (os textos), em que se lê, pelo menos um outro discurso (texto)”. (KRISTEVA *apud* TEIXEIRA, 2009, p. 3)

Mabel Teixeira, citando Fiorin, explica que

a intertextualidade ocorre nas relações dialógicas entre textos, sendo uma materialização, em textos, da relação discursiva. Essa relação entre as diferentes vozes e discursos, é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido, seja para transformá-lo. Dessa forma, o artista confere ao texto construído uma nova roupagem (FIORIN, *apud* TEIXEIRA, 2009, p. 7).

No caso específico dessa intertextualidade entre as duas Aquarelas, não há uma identidade quanto à reprodução de sentidos, quanto ao

contexto histórico, mas em relação às ideias dos matizes e das cores. Se por um lado, na Aquarela de Toquinho e Vinícius, as cores se individualizam e se misturam dando origem a objetos, figuras, criando um imaginário dinâmico, inteligente e alegre de viagens e movimentos; por outro, na Aquarela de Ary Barroso, destacam-se os matizes de pele, originário da constatação de existência de diferentes raças, passando do branco europeu, ao índio, ao mulato até chegar ao negro: do sofrimento do escravo ao glamour da “Sa Dona”, contando distintas histórias, mas guardando em comum o viés da apologia às cores, aos matizes.

4. Princípio da multiplicidade

As variadas conexões é que originam a multiplicidade, conforme lição de Deleuze e Guattari:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 16).

Nessa gama de variadas situações que a música nos faz imaginar, nessa aquarela de infinitas cores e objetos, é possível uma viagem por diferentes continentes, por novos caminhos, enfim, podemos estabelecer várias conexões dentro do próprio texto e também para fora dele, incontáveis conexões – uma multiplicidade de fatos!

Devemos ainda salientar que o texto da música em análise apresenta uma série de conexões de territorialização e desterritorialização, aproximando continentes em um simples traço de compasso, atravessando fronteiras geográficas, apresentando a fuga de um lugar para outro ou a aproximação de continentes com a máxima simplicidade e rapidez: “de uma América a outra eu consigo passar num segundo/ Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo” e “viajando Havaí, Pequim ou Istambul”. Aqui, “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, a invisível – mas perceptível – linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 17)

Assim como na letra da Canção Aquarela, “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação e segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11). Concluem dizendo que o

livro é agenciamento, uma multiplicidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12). Assim, evidenciamos uma variedade, um sem-número de hipóteses que não pode ser quantificado, mas que se multiplica em todo momento, numa nova interpretação, a cada atualização.

Podemos inferir do que temos exposto que, até um mesmo leitor, a cada releitura que realiza daquele texto, estará fazendo uma nova leitura, pois fará novas atualizações, novas ligações, traçando outras conexões – novas intertextualidades – estabelecendo uma infinita multiplicidade.

Vamos trazer à leitura e ao leitor (pela riqueza de situações que dessa relação emerge), por analogia, o princípio milenar que Heráclito de Parmênides aplicou às águas de um rio e às pessoas – lançamos aqui nova intertextualidade – para reconhecer que a vida e o mundo são dinâmicos, pois ninguém se lava duas vezes no mesmo rio, porque as águas são outras e porque a pessoa também já não é a mesma: “Ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é mesmo, assim como as águas que já serão outras”. (HERÁCLITO)

5. Conclusão

A partir da análise da letra de *Aquarela*, de Vinícius de Moraes e Toquinho, pudemos identificar variadas manifestações do rizoma, fato que possibilitou a compreensão da expressão rizoma como entrada para novas possibilidades ou realidades, para o mundo, ou mesmo janelas que se descortinam para o mundo, criando interfaces com a realidade externa – uma faculdade que permite a nós leitores estabelecermos conexões dentro do próprio texto e também para além, para fora dele.

A riqueza de cores, movimentos e situações que surgem no texto da canção nos permitem “embarcar” e ir por todos aqueles locais, fazendo-nos imaginar, visualizar e participar dessa viagem virtual e imaginária, que se faz concreta pelos detalhes dos objetos que se constroem, cumprem seu papel, vão colorindo a mensidão e ao final, se desfazem, ao se descolorir...

Dentre todos, elegemos comentar os princípios da Conexão e da Multiplicidade, não que exista uma hierarquia entre os princípios do rizoma, mas exatamente porque entendemos que entre esses há uma relação de causa e efeito, pois a multiplicidade surge a partir das várias conexões que fazemos ao ler, interpretar e tentar compreender o texto, tornando-nos coautores: relendo, recriando e reinventando o que escreveu o

autor – que deixa de ser “o dono” daquilo que escreveu, já que a subjetividade do leitor possibilita interpretações outras que tornam o texto novo a cada releitura.

A letra da canção *Aquarela*, objeto dessa breve análise, apresenta, a cada momento um novo rizoma, variadas e sugestivas entradas, que funcionam como janelas para o mundo. Muito rica em metáforas, permite-nos imaginar as diferentes situações que nos são apresentadas, sempre de forma leve e dinâmica, ganhando cores, vida, movimento e autonomia.

Apresenta-nos ainda uma realidade, por um lado, alegre e colorida; entretanto, por outro, efêmera e fadada ao fracasso – que é descolorir –, já que a aquarela é o conjunto de várias cores a emprestar vida ao texto que comunica esse constante movimento e transformação, criação e recriação, e, enfim, desfazimento. Situação essa, de movimento e de sucessivas mudanças do real, do fático e do imaginário, que nos traz à mente nova intertextualidade – a canção *Como uma onda*, de Lulu Santos – enfatizando esse movimento, ao comparar a vida com o ir-e-vir da onda do mar: “a vida vem em ondas como o mar/ num indo e vindo infinito [...] Nada que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo/ tudo muda o tempo todo/ no mundo [...]”. (SANTOS; MOTTA, 1983)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, vol. I. São Paulo: Editora 34, 1996.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 168.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- MORAES, V.; TOQUINHO. *Aquarela*. Ariola, 1983. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/toquinho/aquarela-original.html>>. Acesso em: 02-03-2015.
- PARMÊNIDES, H. *Frases e pensamentos de Heráclito*. Disponível em: <<http://kdfrases.com/autor/her%C3%A1clito>>. Acesso em: 21-03-2015.
- SANTOS, L.; MOTTA, N. *Como uma onda no mar*. Álbum Ritmo do

momento. Trilha sonora do filme “Garota Dourada”. Disponível em:
<<http://www.vagalume.com.br/lulu-santos/como-uma-onda-no-mar.html>>. Acesso em: 21-03-2015.

TEIXEIRA, M. O. *Interdiscursividade e intertextualidade*. Pelotas, 2009.
Disponível em:
<<http://pt.slideshare.net/MabelOliveiraTeixeira/interdiscursividade-e-intertextualidade>>. Acesso em: 20-03-2015.

ANEXO:

AQUARELA

Toquinho e Vinicius

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida

De uma América a outra consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida
Depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
Que descolorirá
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Que descolorirá
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
Que descolorirá